



EXAME DE COINCIDÊNCIAS DE DIREITO PENAL II – 3º Ano - Noite

26 de junho de 2015

Regência: Prof. Doutor João Curado Neves e Prof. Doutora Carlota Pizarro Almeida

Colaboração: Dra. Catarina Abegão Alves

A, como único herdeiro do seu amigo **C**, pretendia assassina-lo para receber a sua avultada herança. Foi então falar com o seu irmão **B** para lhe contar o seu plano e pedir a sua ajuda. **B** concordou em ajudá-lo. Ficou acordado que **A** se encarregaria do assassinato de **C**, enquanto **B** ficaria cá fora, dentro do carro. **B** deveria depois esconder o corpo de **C**. **A** prometeu a **B** que lhe daria 10% da herança.

Ao cair da noite **C** chegou a casa, encontrando-se **A** já no seu interior. Quando **C** abre a porta, **A** dirige-se na sua direção, apontando-lhe uma pistola carregada. **C** retira então uma navalha do seu bolso e desfere um golpe no abdómen de **A**. Ao ver **A** em estado grave, **C** chama uma ambulância. Contudo, ao desligar o telefone, tropeça e bate com a cabeça numa mesa, ficando inconsciente.

B, já farto de esperar cá fora, entra na habitação e encontra **A**. Debruça-se então sobre ele para o levar ao hospital. Mas **A** estava ainda combalido devido ao golpe e, julgando tratar-se de **C**, agarra na pistola para terminar o plano inicial e dispara um tiro na direção de **B**, acertando-lhe no seu braço direito. **B** foge para a rua.

Entretanto chega a ambulância e **A** e **C** são transportados para o hospital. **A** continuava a perder sangue na zona do abdómen e **C** na zona da cabeça. Já no hospital, o médico **D** não procede com o devido cuidado e não verifica o estado clínico dos pacientes. Decide então tratar primeiramente de **C**, considerando que, devido à sua idade avançada, seria mais urgente socorrê-lo. **C** fica curado, constatando-se que tinha apenas sofrido um golpe na cabeça e poderia ter aguardado pelo tratamento. **A** foi depois operado por outro médico de serviço, mas acabou por ficar com lesões irreversíveis que o incapacitaram de exercer a sua profissão para o resto da sua vida. Ficou provado que mesmo que **A** tivesse sido tratado em primeiro lugar acabaria por sofrer as mesmas lesões, pois o seu golpe era bastante profundo.

Aprecie a responsabilidade penal de A, de B, de C e de D.

Duração: 120 minutos

Cotações - A: 6 val.; B: 2 val.; C: 6 val.; D: 4 val.; Ponderação global: 2 val.

GRELHA DE CORREÇÃO

RESPONSABILIDADE DE A

a) Pela tentativa de homicídio qualificado de C

- **A** é autor imediato, nos termos do art. 26.º, pois executa o facto por si mesmo. Possui assim o domínio do facto, manifestado através do domínio da ação;
- Foram praticados atos de execução, nos termos do art. 22.º, n.º 2, c) do CP, pois o facto de **A** apontar a arma a **C** é, segundo a experiência comum e salvo circunstâncias imprevisíveis, de natureza a fazer esperar que se seguisse um ato da alínea b (neste caso, o disparo da arma, pois esta ação seria idónea a produzir o resultado típico). Existe aqui uma conexão de perigo típica;
- **A** atou dolosamente, com dolo direto (art. 14.º, n.º 1 do CP);
- Houve uma desistência da tentativa, mas esta não foi voluntária (art. 24.º e art. 25.º do CP), pois não foi *obra pessoal do agente*;
- **A** será punido pela tentativa de homicídio qualificado, nos termos do art. 132.º, n.º 2, e) do CP, do art. 22.º, n.º 2, c) do CP e do art. 23.º, n.º 1 do CP.

b) Pela tentativa de homicídio de B

- **A** foi autor imediato, nos termos do art. 26.º, pois executa o facto por si mesmo. Possui assim o domínio do facto, manifestado através do domínio da ação;
- Foram praticados atos de execução, nos termos do art. 22.º, n.º 2, b) do CP, pois o ato de disparar sobre **B** foi idóneo a produzir o resultado morte;
- **A** atou dolosamente, com dolo direto (art. 14.º, n.º 1 do CP) em relação ao resultado morte;
- Porém, este resultado não se verificou, logo **A** será punido apenas por tentativa;
- Estamos perante um *error in persona*, pois **A** julgou que estava a disparar sobre **C** e não sobre **B**. Porém, este erro é irrelevante, pois o objeto atingido é tipicamente idêntico ao projetado;
- Se se entendesse que **A** tinha agido para se defender de uma suposta continuação da agressão por parte de **C** (que consubstanciaria um excesso extensivo, logo uma ação ilícita), o erro de **A** seria o do artigo 16º, n.º 2.

RESPONSABILIDADE DE B

a) Pela tentativa de homicídio qualificado de C

- **B** é cúmplice, nos termos do art. 27.º, pois do seu contributo não depende o *se* e o *como* da realização típica. **B** apenas colabora no facto do autor, **A**. A sua punibilidade pressupõe a existência de um facto principal doloso cometido pelo autor. **B** participa no ilícito-típico do autor, **A** (accessoriedade limitada);
- A prática do facto por **A** não estava na dependência do contributo de **B**, bastando que este tenha favorecido **A**;
- Podemos depreender que **B** presta auxílio material durante a execução do facto típico, estando cá fora a vigiar;

RESPONSABILIDADE CRIMINAL DE C

a) Pela ofensa à integridade física grave de A

- **C** é autor imediato;
- **C** pratica atos de execução [art. 22.º, n.º 2, b) do CP] do crime de ofensa à integridade física grave [art. 144.º, b) do CP]
- Atua com dolo direto (art. 14.º, n.º 1 do CP);
- **C** atua em legítima defesa (art. 32.º do CP), pois é alvo de uma agressão atual e ilícita. Logo, o seu facto estaria justificado;
- Contudo, caso se considerasse haver excesso de legítima defesa, este seria intensivo, pois o meio utilizado foi mais gravoso;
- Este excesso teria por fundamento uma situação de medo. Logo, **C** poderia beneficiar de uma exclusão da culpa, nos termos do art. 33.º, n.º 2 do CP. A lei exige que essa situação de medo seja não censurável. A censurabilidade afere-se verificando se a situação é imputável ao agente (por exemplo, quando a agressão é praticada de modo a assustar particularmente o defendente) ou ao agredido (por exemplo, porque este é assustadigo). Neste caso, a situação seria imputável ao agente, logo este excesso seria não censurável.

RESPONSABILIDADE CRIMINAL DE D

a) Pela ofensa à integridade física grave de A

- Se tivesse havido um agravamento em consequência da demora, o médico seria responsável por resultados que poderia ter evitado caso tivesse atuado corretamente. Porém, visto que isto não aconteceu, não haverá qualquer responsabilidade penal;
- Ainda assim, **D** tinha o dever de garante [art. 10.º, n.º 2) do CP] devido à assunção voluntária de deveres de proteção. Este dever de garante não foi cumprido;

- Não nos encontramos perante uma situação de conflito de deveres (art. 36.º), pois **D** deveria satisfazer o dever de valor igual ou superior ao dever a sacrificar. O juízo por si efetuado, em razão da idade dos pacientes, não é aceitável, pois deveria tratar os doentes segundo a gravidade dos seus ferimentos. Assim, caso houvesse responsabilidade penal de **D**, ilicitude não seria excluída;
- Ao não verificar o estado clínico dos pacientes **D** violou o dever de cuidado, pelo que a sua omissão seria negligente (art. 13.º do CP).